

Qual é a sua história? ¹

Jocilane RUBERT²

Elizabeth NADER³

Universidade Vila Velha, Vila Velha, ES

RESUMO

O artigo descreve o trabalho de fotografia artística, realizado pela aluna Jocilane Rubert, sobre a desvalorização do sítio histórico de Vitória, Espírito Santo, partindo da Escadaria Djanira Lima, datada de 1925 e situada na Avenida Jerônimo Monteiro. Com o escopo de ponderar a falta do conhecimento diminuto dos capixabas sobre sua própria cultura, por meio do apontamento de uma consequência gradativa, porém, claramente visível: o descaso e o abandono dos monumentos, a aluna registrou através da Fotografia, a Escadaria Djanira Lima que, apesar de edificada em logradouro de alto fluxo de pessoas, se encontra extremamente depredada. Fundamentada nas técnicas e orientações transmitidas em sala de aula e em saídas extracurriculares, a Escadaria foi fotografada com um enquadramento que revelasse toda sua deterioração, causada pela interferência e/ou negligência da população.

PALAVRAS-CHAVE: capixaba; escadaria; fotografia artística; Djanira; Lima.

1 INTRODUÇÃO

O município de Vitória é um arquipélago composto por 33 ilhas e por uma parte continental, totalizando 93,38 quilômetros quadrados. Localizada na Região Sudeste, limitada ao Norte com o município da Serra, ao Sul com Vila Velha, a Leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com a cidade de Cariacica. Possui 330.526 habitantes, segundo a dados do censo 2011 do IBGE. É o centro da Região Metropolitana, conhecida localmente como Grande Vitória, que reuni mais seis municípios - Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Vila Velha e Viana, o que corresponde a uma população estimada em 1,6 milhão.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial, modalidade Fotografia Artística.

² Aluna líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social/ Publicidade e Propaganda, email: jocilanerubert@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UVV, email: elizabeth.nader@uvv.br

A cidade de Vitória fulgura entre as dez mais antigas do país, fundada no século XVI, início da colonização lusitana, primeiramente sob o nome de Ilha de Santo Antônio, sendo denominada Vitória em 08 de setembro de 1551, quando os portugueses venceram a batalha contra os índios Goitacazes.

A Ilha era conhecida pelos nativos como “[...] Guanaaní, "Ilha do Mel", devido à beleza de sua geografia e amenidade do clima, com a baía de águas viscosas e manguezal repleto de moluscos, peixes, pássaros e muita vida.” (VITÓRIA, História de. Acesso em: 25 de fevereiro de 2011)

As pessoas nascidas no Espírito Santo ficaram conhecidas como capixabas, porque “[...] em meio ao pequeno núcleo urbano de Vitória, de feição nitidamente colonial, havia "capixabas" – pequenas roças, na língua dos índios - expressão que acabou servindo para denominar os moradores da Ilha e, posteriormente, todos os espírito-santenses.” (NEVES, OLIVEIRA, 1993, p. 41).

Nesse panorama, a capital do Espírito Santo foi o cenário das diversas transformações históricas, materializadas hoje nos monumentos. Edificações, portanto, de valor imensurável, que constituem o patrimônio público, tais como escadarias, casarios, praças, Igrejas e museus. Contudo, diariamente cidadãos espírito-santenses circulam pelas ruas do Centro de Vitória sem perceberem a importância cultural desses, pois desconhecem nomes, datas e fatos da História do Estado e, conseqüentemente, não se identificam com a concepção dos monumentos e assim, tendem a não zelar por eles.

Por isso, existem ações que buscam preservar e popularizar o sítio histórico de Vitória, bem como, disseminar a identidade capixaba. Por exemplo, o projeto de restauração e manutenção dos monumentos, do Governo do Estado em parceria com a Prefeitura de Vitória. Essa também é a responsável pelo “Projeto Visitar: Centro Histórico de Vitória e seus limites”, através do qual os monumentos são mantidos abertos à visitação e seis desses com monitores para esclarecer dúvidas sobre eles e as personagens que representam – homenageiam.

Ademais, no último ano em audiência pública, foram debatidos os possíveis métodos de proteção do sítio histórico de Vitória, na qual se concluiu que a melhor forma é a educação dos futuros cidadãos, por meio da inserção no currículo escolar de disciplina que aborde a necessidade do desvelo pelo patrimônio artístico-cultural.

Todavia, essas medidas e projetos podem ou não garantir a sobrevivência desse patrimônio. Pois um dos principais braços para resguardar a identidade capixaba é a própria população, a qual diariamente transita por cada prédio, praça ou escadaria da Capital sem reconhecer seu valor, por conseguinte, sem se identificar com a sua acepção. O que pode acarretar o desrespeito, incúria e até a depredação desses espaços. Comportamento que esta sujeito à perpetuação, visto que se torna referência para as novas gerações. Portanto, essas ações devem ser realizadas por e para toda a população do Espírito Santo.

Diante da condição na qual se encontra a Escadaria Djanira Lima, semelhante a muitos outros monumentos, apesar do seu simbolismo cultural e das medidas adotadas por iniciativas públicas, surgiu à necessidade de colaborar com a conscientização do capixaba sobre a importância artístico-cultural do patrimônio coletivo e, concomitantemente, estimulá-lo a se sentir corresponsável por sua conservação.

E para alcançar isso se utilizou da Fotografia, que configura um instrumento eficaz nesse processo. Visto que a fotografia é acessível e interpretável por todos os públicos. Independente da faixa etária, gênero e classe social a imagem é tangível e inerente ao ser humano. Logo, constitui uma forma eficiente de atrair a atenção dos capixabas para o tema, de educar a população e também registrar a memória cultural capixaba.

2 OBJETIVO

O objetivo do trabalho é atrair a atenção dos espírito-santenses, para o quadro de degeneração no qual se encontra grande parte do patrimônio público, muitas vezes causado pelo comportamento dos usuários desses espaços. Como está claro na foto da Escadaria, onde cartazes de “vende-se” e pichações disputam lugar com a carranca esculpida em concreto no ano de 1925.

Através da fotografia realizada, almeja-se incentivar à reflexão sobre o que representam os símbolos culturais, demonstrar que o bem coletivo, como a Escadaria Djanira Lima, não é apenas um local de passagem, mas sim uma manifestação artística e a denotação histórica de um povo. Dessa forma, pretende-se estimular o sentimento de corresponsabilidade pela preservação do patrimônio público e de pertencimento à cultura capixaba.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 JUSTIFICATIVA DO USO DA FOTOGRAFIA

A Fotografia foi escolhida como instrumento para denunciar a depredação do espaço público e incitar o sentimento de corresponsabilidade por sua preservação, devido o forte apelo emocional que ela possui. A imagem fotográfica desperta emoções, que podem levar o expectador à reflexão, como afirma John Hedgecoe no livro *O novo manual de fotografia*: “A Fotografia é provavelmente a mais acessível e gratificante de todas as formas de arte. Pode registrar faces ou fatos, ou simplesmente contar uma história. Pode chocar, divertir e instruir. Pode captar e provocar emoções, e registrar detalhes com precisão e velocidade.” (HEDGECOE, 2007, p.7)

Foi utilizada a fotografia em preto e branco, pois a ausência de cor evoca a atemporalidade do patrimônio público, valoriza a riqueza de formas e detalhes de sua arquitetura, típica de um determinado período histórico, e enfatiza o seu estado de conservação. John Hedgecoe afirma que “As fotos em preto e branco geralmente têm um quê atemporal e podem transmitir sentimento. Em termos de composição, a ausência da cor permite que você se concentre na forma, textura e padrão”. (HEDGECOE, 2007, p.118)

As funções do estilo preto e branco citadas anteriormente são percebidas na foto. Na qual, inicialmente, o que atrai a visão do espectador para o seu interior é o primeiro plano, valorizado pelo contraste entre os tons de cinzas e branco dos cartazes. Os apelos comerciais “Trabalhe em casa” e “Vende-se” se destacam pela ausência de cor. Em uma imagem colorida esses elementos menores se perderiam dentre às várias informações que se seguem.

Posteriormente, a expressão assustadora da esfinge, suas curvas, linhas e o número (ano) 1925 se sobressaem na foto em preto e branco. Enfatizam que essa não é uma arquitetura contemporânea, mas sim de outra época e contexto. Diferentemente do graffiti, para o qual os resquícios de mais cartazes e os degraus da Escadaria nos conduzem. A

inexistência de cores realça todas as partes integrantes do atual cenário desse monumento, causado pelas distintas interferências do homem.

Nesse sentido, o enquadramento utilizado teve como propósito reunir na mesma fotografia, essas diversas formas de intervenção humana e de apropriação do espaço público. Caracterizadas como negativas, pois usufruem do patrimônio coletivo sem visar o bem comum, a perpetuação da cultura e história de um povo por exemplo. Mas para fim individual, como a obtenção de lucro demonstrada pelos cartazes de “vende-se” e “trabalhe em casa” e, também, pelas papeletas que foram rasgadas, arrancadas da parede deixando restos e marcas.

3.2 JUSTIFICATIVA DO USO DA FOTOGRAFIA ARTÍSTICA

No campo das artes, o século XX foi marcado por profundas transformações que revolucionaram a produção artística. Os artistas quebraram os paradigmas do Impressionismo, rompendo com a forma figurativa, para enveredar pelo âmbito do representativo.

A arte pictórica passou a ter um papel muito maior que a de simples objetos de decoração e a emoção se tornou a palavra dominante. Pablo Picasso em 1907, com o seu quadro *Les Femmes d'Alger (O Jovem Ouvreiro)*, inaugurou uma nova fase, talvez tão importante como o Renascimento ou a Arte Clássica, e que se convencionou chamar de Arte Moderna.

(<http://www.naturale.med.br/artes/3_a_transicao_para_a_arte_do_secxx.html>.
Acesso em: 7 de maio de 2012)

Por detrás dessa força transformadora dos métodos de criar e produzir arte, estavam os esforços e os interesses dos meios de comunicação, que desenvolveram colunas exclusivamente sobre a temática da arte, interessados na formação de público dessa. Corroborando e tornando públicas as mudanças e os seus protagonistas, artistas e suas obras. Iniciou-se também, como parte desse processo, a criação e fundação de Museus interessados nessa arte contemporânea.

Foi nesse panorama revolucionário, sob a influência das artes plásticas e suas correntes, como o Modernismo e o Expressionismo, que a fotografia foi impulsionada a assumir um papel distinto do comum documental e registro de memória. Estabelecendo-se por sua forma de expressão, e não mais essencialmente por sua funcionalidade, sendo denominada fotografia artística ou autoral.

Por todo o século XX a fotografia envereda por campos onde a sensibilidade artística se revela. Por vezes pisando terrenos específicos da estética própria da pintura, e por outras afastando-se da mesma. A evolução tecnológica da fotografia levou a que a denominada fotografia artística, ou de autor, trilhasse percursos e tratasse temáticas diversas, conduzindo a que esta se catapultasse, paulatina e eficazmente, para um lugar que, por direito próprio, hoje ocupa na História da Arte Contemporânea. (TAVARES, 2009, p. 1)

Com suas fotografias em preto e branco, concentradas nas expressões dos modelos e nos conceitos que se desejava transmitir, os fotógrafos Cecil Beaton, Robert Capa, Henri Cartier-Bresson, Man Ray, Irving Penn, Gertrude Fehr, Erich Salomon, William Klein, entre outros, se destacaram. “Utilizando as mais variadas máquinas e tecnologias eles produziram ao longo do século XX, verdadeiros ícones da fotografia artística.” (TAVARES, 2009, p.121)

Nesse sentido, foi utilizada a fotografia artística para este trabalho, pois, como mencionado acima, ela está relacionada mais com a representatividade daquilo que se registra, do que com formas figurativas. Essa categoria fotográfica não se limita ao ato de documentar, registrar memória. Tal qual a arte pictórica, escultórica, musical e teatral, ela não possui fronteiras, visto que sua força está na expressão, na mensagem que passa e, conseqüentemente, na reflexão que causa.

A foto da Escadaria Djanira Lima se enquadram nas características acima, haja vista, que essa consiste em levar o espectador a reflexão por meio da mensagem que a imagem transmite.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia e técnicas utilizadas para fotografar a Escadaria Djanira Lima se basearam nos aprendizados em sala de aula e nas orientações da professora ao avaliar o registro fotográfico.

Foi utilizado um enquadramento que mostrasse as várias interferências no monumento, como explicado anteriormente, e que formasse um percurso de visão linear, fazendo com que o espectador veja a imagem contrapondo o contemporâneo, os cartazes no primeiro plano, com o histórico, a carranca, e em seguida com o presente mais uma vez, o graffiti e as pichações. A escada contribui para encaminhar o apreciador da foto por essa linha invisível.

Houve um processo de busca pelo posicionamento diferenciado, que agregasse todas as informações necessárias para demonstrar com clareza a deterioração da Escadaria Djanira Lima causada pelo povo capixaba. Porém, esse não poderia gerar confusão e poluição visual na foto devido o excesso de elementos. Era imprescindível um trajeto de visão linear, simplificado, para manter o equilíbrio entre as informações.

Foi utilizada a luz ambiente durante o turno matutino, pois esse período do dia caracteriza-se por boa visibilidade, por sombras definidas, mas não completamente escuras, com uma luz límpida e quase sem cor. Também se manteve as características originais da fotografia, visto que o tratamento de imagem restringiu-se ao contraste.

Em suma, para alcançar o resultado almejado, se utilizou os componentes essenciais de uma boa fotografia, que são a estética, domínio técnico e repertório informativo. Segue abaixo informações sobre a câmera utilizada e a fotografia do trabalho:

4.1 CÂMERA

- Fabricante: Hewlett-Packard
- Modelo: HP DSC CB350
- Escala de número f: f/2.9
- Tempo de exposição: 1/189 s
- Velocidade ISO: ISO-50
- Distância focal: 6mm
- Abertura máxima: 3.171
- Modelo de medição: Multiponto
- Modo do flash: sem flash, obrigatório
- Distância focal de 35 mm

4.2 IMAGEM

- Tirada em: terça-feira, 12 de abril de 2011 às 11:50
- Dimensões: 3489 x 3000
- Largura: 3489 pixels
- Altura: 3000pixels

- Resolução horizontal: 96 dpi
- Resolução vertical: 96 dpi
- Intensidade de bits: 24
- Compactação
- Unidade de resolução
- Representação de cores: sRGB
- Bits/pixel compactados: 7
- Tamanho do arquivo: 2,26 MB

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para desenvolvimento do trabalho foi necessário o aprendizado teórico adquirido durante as aulas da disciplina de Introdução à Fotografia, na qual se abordou sobre história da fotografia, as funções e peculiaridades das fotos em cor e em preto e branco, luz, classificações das câmeras fotográficas e das objetivas, entre outros assuntos ligados à área.

Foi solicitado aos alunos que escolhessem um estilo de fotografia, preto e branco ou cor, para realizar um ensaio fotográfico. A temática dos trabalhos era uma decisão do aluno. Porém, ao optar pelo estilo preto e branco, por exemplo, a foto tirada deveria conter as características desse, como a valorização das formas, texturas e expressões.

Após a aluna decidir o assunto e estilo do seu ensaio fotográfico – a desvalorização do sítio histórico do Centro de Vitória, registrados em foto preto e branco, deu-se início a etapa de pesquisa. Buscou-se em sites sobre o contexto histórico dos monumentos e sua relevância artística-cultural. Realizaram-se visitas a esses espaços, onde foram ouvidos os monitores do Projeto Visitar, mencionado anteriormente. Depois se buscou por bibliografias referentes ao desenvolvimento do solo espírito-santense e da cultura capixaba.

Alicerçada nessas informações e vivências, a aluna escolheu por fotografar um monumento presente no cotidiano dos moradores e transeuntes do Centro de Vitória, ou seja, edificado em um local de alto fluxo de passantes e de grande visibilidade. Mas que, apesar disso, fosse pouco conhecido e se encontrasse em adiantado estado de depreciação, como ocorre com Escadaria Djanira Lima. Questionando, desse modo, sua depreciação, em detrimento de sua funcionalidade rotineira.

A escolha da Escadaria Djanira Lima, também se deu por se tratar do único monumento dessa região sobre o qual não se encontrou informações amplas e detalhadas. Não foi possível identificar o significado de seu nome, nem de sua arquitetura. Muito embora possua uma edificação expressiva, composta por uma carranca e balaustrada de concreto, sendo a última uma característica comum nas demais escadarias históricas da Cidade. Esse fato foi compreendido pela aluna, como uma evidência de que os espírito-santenses conhecem pouco sua história, muitas vezes, pela dificuldade de acesso a informação.

Para se alcançar a fotografia final foram necessárias diversas tentativas, o intuito era conseguir um enquadramento que contemplasse o marco arquitetônico e histórico da Escadaria, sua carranca com o ano 1925 grafado, a interferência do apelo comercial dos cartazes e a manifestação contemporânea do graffiti. Todos esses elementos confluindo para um mesmo rumo: a ascensão dos degraus da Escadaria, o caminho pelo qual inúmeras pessoas transitam diariamente, sem elevar seu conhecimento sobre ele e, por conseguinte, sem valorizar sua simbologia.

Diante de tais informações, foram feitas visitas à Escadaria, para serem fotografados elementos que pudessem passar a mensagem desejada ao observador. Foram registrados ângulos distintos e o resultado dos diversos “cliques” é a fotografia escolhida, a qual transmite o significado pretendido pelo trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES

A realização do trabalho foi essencial para praticar todas as teorias ensinadas em sala, desenvolver o senso crítico visual, enxergar de forma diferenciada o que aparentemente é comum, usar a fotografia como forma de expressão e manifestação artística.

No decurso da prática fotográfica se constrói um olhar mais atento e sensível do mundo, começa-se a identificar realidades que passavam despercebidas, histórias, espaços, contextos, sentimentos, características, problemas e necessidades que permaneciam no anonimato e eram inexistentes para o indivíduo. O fazer fotográfico incita à reflexão. E uma pessoa que reflete pode se tornar um agente de mudança e transformação social.

Enfim, entende-se que fotografar é uma experiência que transcende a técnica e a funcionalidade, pois ascende ao âmbito das artes e assim alcança ao âmago humano lhe causando profundas e importantes sensações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEDGECOE, John. **O novo manual de fotografia**: guia completo para todos os formatos. 3 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2007. p.18.

NEVES, Luiz Guilherme Santos; PACHECO, Renato. **Índice do folclore capixaba**. Vitória: Banestes, 1994. 158 p.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3. ed, 8. vl. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008. 670 p.

SÉCULO XX, A Transição para a Arte do . [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em:

<http://www.naturale.med.br/artes/3_a_transicao_para_a_arte_do_secxx.html>. Acesso em: 7 de maio de 2012

TAVARES, António Luís Marques – **A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea**. Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia.

[Em linha]. N.º 1 (Julho 2009), pp. 118-129. URL:

http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf

VITÓRIA, História de. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em:

<<http://www.vitoria.es.gov.br/turismo.php?pagina=historiadevitoria>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2011.